

# Capítulo Um

Uma luz de cima, fria e implacável, iluminava a pequena sala como um holofote de prisão, destacando cada grão de pó, cada nódoa da carpete barata, cada dedada no peitoril da janela. Era uma sala que, suspeitava Peter, fora usada para muitos fins; os fantasmas dos antigos ocupantes agarravam-se a ela como teias de aranha.

— Diga-me como está o Peter. Diga-me em que tem ele pensado ultimamente.

Peter olhou nos olhos a mulher sentada à sua frente e recostou-se na cadeira, fazendo rodar no dedo o anel de ouro. O anel era a única coisa que tinha consigo quando em bebé fora encontrado.

A cadeira era estofada, com o propósito evidente de o pôr à vontade, mas não estava a resultar. Peter raramente se sentia confortável. Anna dizia que era porque gostava de dificultar as coisas para si mesmo, mas ele não tinha a certeza. Parecia-lhe que simplesmente não estava na sua natureza sentir-se demasiado confortável. O conforto gerava preguiça. Era a opção mais fácil.

— Tem pensado — disse, com um sorriso dissimulado de troça, adotando o uso que a orientadora fazia da terceira pessoa — que a vida dele é uma bodega. Que é monótona e enfadonha e que não vê nela grande sentido.

A orientadora de adaptação franziu o sobrolho; Peter sentiu no corpo uma descarga de adrenalina. Ela mordera o isco. Parecia preocupada. Era um insólito sinal de emoção: muito raramente o seu rosto exprimia outra coisa que não um interesse passivo, por mais que nos últimos meses ele se tivesse esforçado. Peter examinou-lhe o rosto. A pele dava a impressão inicial de um bronzeado ligeiro, mas, sob a impiedosa luz de cima, via-se que na verdade estava coberta de pó bronzeador, pequenas partículas castanho-alaranjadas que se infiltravam nas rugas em redor dos olhos, em redor da boca. Vestia de azul-turquesa: saia e casaco a condizer. Tinha o pescoço flácido. Porém, os olhos de Peter eram principalmente atraídos pelo cabelo, onde alguma coisa não batia certo. Era castanho, com madeixas louras. Ou, pelo menos, *parecia* castanho e louro; na realidade era branco, pintado regularmente, religiosamente. Qualquer indício de velhice tinha de ser eliminado. Era patético, achava Peter. Para quem tomava Longevidade, o que contava era as aparências, não o que estava por baixo.

— Não vê nela grande sentido? O que quer dizer com isso, Peter?

Peter revirou os olhos, fingindo tédio.

— Quero dizer que, antes, sentia que tinha um objetivo. Sabia o que fazia, sabia porque o fazia. E agora... — Baixou a voz, deixando a frase suspensa no ar.

— E agora? — incitou a orientadora.

— E agora trabalho num pequeno laboratório a fazer tarefas insignificantes, moro numa casa que abomino e mal ganho o suficiente para a aquecer, quanto mais para comprar livros para a Anna ou comida para o Ben. Tirei-a de Grange Hall para

ser livre, para gozar a vida, e agora... agora acho que foi tudo em vão. Pensava que ia fazer qualquer coisa da minha vida, realizar alguma coisa. Mas tudo o que... parece que foi tudo em vão.

A orientadora acenou gravemente com a cabeça.

— Sente que está a trair a Anna? — perguntou.

Peter suspirou; mesmo naquela conversa fictícia, custava-lhe encarar a ideia de trair Anna, mesmo sabendo que não era verdade, que jamais seria.

— Talvez — disse, encolhendo os ombros.

— Tenho a certeza de que ela não pensa assim. A Anna é uma rapariga muito sensata. Ela entende como funciona o mundo, Peter.

Peter ergueu uma sobrancelha. Anna poucas semanas fora à orientadora de adaptação; rapidamente a tinham dispensado do programa. Tal era o seu traquejo a conquistar a confiança de gente com autoridade que em menos de nada conseguira convencer a sua orientadora de que não constituía qualquer ameaça, de que daria uma cidadã respeitadora e diligente. Era algo que Peter admirava e lastimava em igual medida: Anna só era tão eficaz porque tivera de o ser para sobreviver em Grange Hall. Ele, pelo contrário, fora incapaz de resistir a um comentário cáustico ou outro, a uma graçola deslocada ou outra; passados meses, ainda tinha de ir semanalmente convencer a sua orientadora de que podia «integrar-se» na sociedade.

Cruzou os braços e adotou um olhar diferente. Um olhar que dissesse que se sentia perdido, que era fraco, que as Autoridades tinham tido êxito a subjugar-lhe o ânimo.

— Só quero sustentá-la — disse, contendo-se para não sorrir perante o olhar compreensivo que perpassou no rosto da orientadora.

— É o dinheiro que o preocupa?

— O dinheiro, o tédio... — Endireitou-se na cadeira, pousando o queixo nas mãos.

— E então? — Devolvia-lhe agora o olhar. — Sabe que as nossas conversas são estritamente confidenciais, Peter. O que é dito nesta sala não sai desta sala, posso garantir-lhe.

Peter olhou-a uns instantes. Achava quase admirável que ela conseguisse dizer uma mentira tão descarada com tal calor na voz. Talvez a tivesse subestimado.

— Comecei a pensar seriamente na oferta do meu avô — disse em voz baixa, suave.

Atravessou o rosto da orientadora um breve fulgor de surpresa, o suficiente para ele notar.

— Certo. — A orientadora fez uma pausa. — Julgava que tinha dito que nunca teria nada que ver com ele... Que uma pessoa envolvida na produção de Longevidade não era da sua família...

Pestanejava ao de leve; estava a provocá-lo. E tinha razão: de facto ele *dissera* aquilo. Muitas vezes. E fora sincero.

— Eu sei. — Baixou os olhos e deixou que a mão esquerda deslizasse sobre a direita, que os dedos percorressem a flor gravada no anel, a flor que ele cria ter trazido Anna até si, ter traçado o seu destino. Não devia parecer uma decisão leviana. Tinha de a levar a pensar que se sentia dividido. — Só estou a pensar nisso. Só estou a... — Ergueu lentamente o olhar ao encontro do dela, e não desviou os olhos. — Só quero mais

alguma coisa. Tem de haver mais alguma coisa, percebe? Quer dizer, a Anna... a Anna lê livros, escreve, toma conta do Ben. Eu... eu não tenho nada. Talvez se trabalhasse para o meu avô, talvez se ganhasse algum dinheiro, talvez...

— Talvez achasse algum sentido?

— É isso.

Peter pôs-se de pé e dirigiu-se à janela. Estava vedada por uma persiana cinzenta, institucional, que lhe lembrava Grange Hall. Afastou-a e olhou as ruas lá em baixo, igualmente cinzentas. Não a via, mas sabia que algures ao longe a silhueta da Pincent Pharma dominava o horizonte.

— Além do mais — disse, sem se voltar —, acho que ele está em dívida para comigo.

— Em dívida para consigo?

Peter disse que sim com a cabeça e voltou para a sua cadeira.

— O meu avô produz medicamentos de Longevidade, não é? — disse, semicerrando os olhos. — Ora, foram os medicamentos de Longevidade que fizeram de mim um Excedente. Foi por culpa deles que passei a maior parte da vida escondido e a andar de mão em mão. O que faz do meu avô o culpado por eu não ter tido uma infância propriamente dita. Está em *dívida* para comigo.

— Ainda parece revoltado, Peter. — A voz da orientadora era suave, controlada; estava a dar o seu melhor para o tranquilizar, mas tinha o efeito oposto. Peter perguntou-se se ela falaria assim em casa, quando não estava de serviço, perguntou-se como seria aquela voz quando estava zangada ou frustrada.

— Já estive revoltado — disse, embargando levemente a voz, um pormenor brilhante que havia de contar mais tarde a Anna. — Mesmo revoltado. Mas agora... Agora já não estou. Agora...

— Agora está a pensar no que fazer com a vida que lhe resta?

Peter encolheu os ombros.

— Acho que sim — disse. — Também não tenho grandes alternativas. Vou à procura de emprego e as pessoas olham para mim como se eu fosse um fenómeno. E, para elas, sou mesmo um fenómeno; devo ser uns cem anos mais novo do que a maioria delas. Na Pincent Pharma podia ganhar bom dinheiro. O meu avô disse que a porta estaria sempre aberta. Por isso lembrei-me de ir ver se era verdade.

— Tenho a certeza de que é — disse a orientadora. Parecia aliviada, como se pensasse ter-lhe finalmente «rompido as defesas». Peter ouvira-a uma vez ao telefone antes da entrevista, sem que ela se apercebesse da sua presença atrás da porta. Dizia a alguém que ainda não conseguira romper-lhe as defesas, que ia experimentar uma abordagem diferente. Peter congratulara-se: considerara distinção honrosa ser impenetrável, ser um caso difícil. — Até me parece uma boa ideia — prosseguiu ela, tomando notas. — Então e como é que estava a pensar dizer-lhe?

Os cantos da boca de Peter apontaram involuntariamente para cima; reprimiu de imediato o sorriso.

— Já lhe disse — respondeu calmamente. — Escrevi-lhe uma carta. Deixou-me ontem uma mensagem. Disse que devia começar na segunda-feira.

A orientadora olhou para ele com um sobressalto, depois dirigiu-lhe um sorriso impassível.

— Certo — disse gravemente. — Bom, vamos ver como corre, de acordo?

Meia hora depois, Peter saía do edifício das Autoridades, em Cheapside, e virava à esquerda na direção de Holborn. As ruas estavam bastante vazias — o que Peter tomou como um bônus. Na bem cuidada zona pedonal apenas se via um fluxo esparsos de gente às compras e um ou outro transeunte a passear o cão ou a caminhar por exercício. Mantendo a cabeça baixa, enterrou com firmeza as mãos nos bolsos, reflexo dos seus tempos de Excedente, dos seus tempos de clandestinidade, em que nunca sabia quem poderia chamar os Caçadores, em que nunca sabia o que traria o amanhã. As escassas pessoas à sua volta semicerravam os olhos ao passar, fitavam-no hesitantes, com um misto de inveja e desconfiança a corar-lhes as faces.

Pelo caminho ia vendo os cartazes habituais nas empenas dos prédios, colados em painéis, a publicitar cremes milagrosos, a promover aulas de ginástica e cursos educativos, a alertar para a necessidade de poupar energia. Outros advertiam contra o excesso populacional, exortando as pessoas a estarem em guarda contra «imigrantes ilegais, Excedentes e outros sorvedouros dos nossos preciosos recursos». Como se os Legítimos não fossem o maior dos sorvedouros.

Dantes, Peter punha constantemente em causa cartazes como aqueles, atirava-se de cabeça para discussões com quem estivesse disposto a ouvi-lo, a fazer-lhe frente, mas agora aprendera a ficar calado. Não porque já não quisesse lutar, mas

porque Pip defendera que discutir só por discutir não os levava longe, que chamar a atenção sobre si seria mais prejudicial que vantajoso — coisa que Peter até conseguia entender, mas sem deixar de se sentir frustrado quando não ligava, quando não enfrentava as pessoas.

Mas eles haviam de ver, repetia para consigo regularmente. Quando a Resistência triunfasse, todos eles iriam ver. Animado por tal pensamento, Peter saltou para um elétrico que ia para Oxford Street. Ao chegar a Tottenham Court Road desceu, depois acelerou o passo na direção de Cambridge Circus, virando à direita para Old Compton Street. Daí continuou para oeste, penetrando na zona mal-afamada do Soho, onde lojas sombrias vendiam furtivamente os seus produtos ilícitos: roupas de bebé, drogas ilegais, alimentos proibidos, senhas de energia da candonga.

Olhou para o relógio: vinha dez minutos adiantado, mas antes isso que chegar tarde. Olhando cautelosamente em redor, entrou numa loja vazia, passou pelos pedreiros que a estavam a remodelar, desceu as escadas, e saiu pelas traseiras. Seguiu então uma vereda estreita e suja até uma porta de madeira escalavrada e bateu ao de leve, quatro vezes.

Instantes depois ouviu movimento atrás da porta, que mal se entreabriu, revelando um homem de barbas e trunfa desgredinhada. Parecia um vagabundo, e olhou Peter de cima a baixo com desconfiança.

— Está frio para esta época do ano, hem? — disse com maus modos.

— A mim, o exercício aquece-me — retorquiu Peter. O homem hesitou uns segundos, depois abriu a porta,



puxando-o rapidamente para dentro. A excitação habitual que invadia Peter por fazer parte de algo tão secreto, tão importante, percorreu-o como uma corrente elétrica. Não reconheceu o homem; raramente via o mesmo guarda duas vezes. Na verdade, quando entrava no quartel-general da Resistência, dava sempre por si a pensar que sabia muito pouco acerca dos outros militantes ou do modo como era dirigida. Davam-lhe instruções e ele seguia-as; as suas perguntas eram acolhidas com sorrisos forçados, propaganda evasiva ou olhares inexpressivos. Era para sua segurança, dizia Pip. Para segurança de todos.

— Venho ter com o Pip — disse Peter, notando que se endireitava, como a impor-se mais naquele ambiente, conhecido e no entanto estranho. De seis em seis meses, mais ou menos, o quartel-general da Resistência era transferido, sem deixar rasto das suas atividades. Peter já estivera duas vezes naquele prédio, e de cada vez parecia diferente, como se as paredes e as portas tivessem mudado de lugar. O que permanecia inalterado era o cheiro. Os sítios escolhidos pela Resistência eram sempre sujos, desordenados, meio devolutos, fáceis de abandonar.

À esquerda da entrada desciam umas escadas. Vinha a subirlas uma mulher, agarrada ao braço esquerdo. Ao passar por Peter a caminho da porta, os seus olhares cruzaram-se num lampejo cúmplice. Peter não a conhecia, mas sabia porque estava ali, sabia que a parte superior do braço esquerdo estaria a sangrar e a provocar-lhe dores, no local de onde o implante contraceptivo fora extraído por um dos médicos da Resistência, sabia que estava a embarcar numa das atividades mais perigosas em que um humano podia participar: a epopeia de tentar engravidar, de gerar uma vida nova.

A mulher esgueirou-se para a vereda e Peter olhou para o guarda, que não disse nada, somente apontou para o corredor atrás de si. Ao fundo havia uma divisão pequena fracamente iluminada.

Pip aguardava-o, sentado a uma mesa baixa, com o corpanzil atlético desconfortavelmente curvado para diante, como que perdido nos seus pensamentos. Pai e fundador da Resistência, Pip era, para Peter, o ser mais parecido com um pai que ele conhecera — mais próximo até do que fora o pai de Anna. Pip estivera presente desde o início, a orientá-lo, a ajudá-lo. Mais tarde, Peter descobrira que não era o único. Pip orientava e encaminhava toda a gente dentro da Resistência; toda a gente se rendia aos seus olhos hipnóticos, ao seu poder silencioso. Não era o comandante oficial da Resistência; tal cargo não existia, porque Pip rejeitava que as estruturas e hierarquias das Autoridades, tão execradas, se infiltrassem no seu «grupo». Mas o comandante de facto era ele; todos aceitavam a sua opinião e nada se decidia sem o consultar. Iniciara sozinho a luta contra a Longevidade havia muitos anos — como o Sr. Covey, o pai de Anna, contara a Peter —, escrevendo panfletos, apoiando os pais de Excedentes, cativando partidários gradualmente, até a Resistência se estender a todo o país. Agora a Resistência contava com uma extensa rede de grupos similares no estrangeiro e tornara-se tão poderosa que as Autoridades tinham criado um ministério específico para a combater. Tudo graças a Pip.

Todavia, Pip nunca falava nisso. Também não tinha o aspeto de um comandante poderoso. Dir-se-ia que não prestava grande atenção à sua aparência; mudava regularmente de corte

de cabelo, para passar despercebido, para não dar nas vistas, para não ser capturado, mas a maior parte do tempo trazia-o em grande desalinho. E insistia sempre para que se encontrassem em lugares miseráveis, degradados — como aquele: paredes nuas com a tinta a descascar, uma janela besuntada para impedir que se visse para dentro, uma lâmpada solitária a fazer os possíveis por dar luz suficiente, uma mesa a oscilar sempre que Pip nela se apoiava.

As Autoridades tinham-lhe posto a cabeça a prémio por um montante elevado, divulgando o seu retrato em todas as esquinas, em todos os portais noticiosos. Mas ainda não o tinham apanhado. Dizia-se que era demasiado esperto, que estava demasiado bem protegido, mas Peter calculava que fosse mais do que isso. Era a maneira de ser de Pip. Dava vontade de o ajudar. Dava vontade de se ser estimado, respeitado por ele. Muito simplesmente, Pip suscitava nas pessoas o desejo de fazer o que pudessem para lhe agradar; por isso a Resistência nunca sofrera divisões internas, por isso as adesões não paravam de aumentar. Contava-se que, certa vez, um Caçador o descobrira num armazém abandonado, que, horas depois, em vez de o capturar e de reclamar a devida recompensa, o Caçador jurava fidelidade à Resistência, e que era hoje um dos seus membros mais prezados. A história não surpreendia Peter minimamente.

— Que bom ver-te, Peter — disse Pip numa voz suave, sem levantar os olhos.

Peter sorriu, relaxando imediatamente.

— Sim, a ti também.

Pip fez-lhe sinal para que se sentasse, ofereceu-lhe um gole de água, depois olhou-o com ar grave.

— As coisas estão a ficar mais perigosas — disse em voz baixa. — Lançámos há pouco tempo um ataque a uns carregamentos de Longevidade e as Autoridades andam a redobrar a vigilância. Vamos ter de ser prudentes.

— Eu sou sempre prudente — disse Peter, com uma ponta de rispidez na voz.

— Eu sei que és. Refiro-me a todos nós. Ao movimento inteiro. Há espões em toda a parte. — Ergueu o rosto por instantes, e Peter ficou perturbado, como sempre, com aqueles olhos, remoinhos de água azul-escura que arrastavam quem os visse, que inspiravam confiança, davam vontade de fazer fosse o que fosse para os ver brilhar de orgulho.

— Podes contar comigo — disse placidamente.

— Sempre comesas na segunda?

— Sim. — Peter confirmou com a cabeça para maior ênfase.

— E a tua orientadora? — Ao princípio, a orientadora deixara Pip preocupado. Via nela um agente das Autoridades, incumbido de espiar Peter e de lhe extrair informações com falinhas mansas; preocupava-o cada palavra que Peter proferisse junto dela. Agora já não. Agora tornara-se um instrumento, um meio de comunicação.

— Disse-lhe que estou aborrecido e frustrado e que quero mais dinheiro — disse Peter, com uma nota de orgulho na voz.

— Não suspeitou de nada?

Peter sorriu.

— Claro que não. Afinal de contas, eu estou *mesmo* aborrecido e frustrado. — Arqueou uma sobrancelha na direção de Pip, mas este não sorriu; olhou circunspecto para Peter.

— Peter, tens a certeza de que queres fazer isto? A certeza absoluta?

Peter revirou os olhos.

— Sim, tenho.

— Mas dizes que te sentes frustrado...

Peter suspirou. Aprendera havia muito que Pip absorvia cada palavra e cada gesto, intuía cada emoção. Peter sabia ser assim que ele exercia a sua influência sobre as pessoas, mas, por vezes, não deixava de ser desconcertante.

— Frustrado porque as Autoridades nos mudaram para uma caixa de fósforos horrorosa nos subúrbios. Frustrado porque vigiam cada passo que damos e ainda não levei a Anna ao campo porque não consigo autorização para viajar. Frustrado porque só há velhos por toda a parte e olham para nós como se não tivéssemos direito a estar aqui. É só isso. Não vou deixar que interfira, prometo.

Pip olhou-o pensativamente, a seguir levantou-se e pôs-se calmamente atrás da cadeira de Peter.

— Não podes deixar que as emoções te dominem. Temos razões de sobra para nos sentirmos indignados, mas a indignação não muda as coisas.

— Eu sei. A ação é que as muda.

— A ação, sim, mas também a solidez da vontade, Peter. Peter acenou gravemente com a cabeça.

— Eu sei. Eu sou sólido, Pip. Vá lá, já dei provas disso, não dei?

— Claro que deste — disse Pip, com a voz de súbito mais quente. — Peter, tu já deste mil provas disso. Mas agora vais ficar sozinho, com todo o peso da máquina que é a Pincent

Pharma contra ti, e eu preciso de saber que estás preparado. Tens de compreender que não é só um emprego, Peter. É uma batalha. Uma batalha da natureza e da ciência, do bem e do mal. As pessoas deixam-se seduzir pela Longevidade e o teu avô vai fazer o que estiver ao seu alcance para te conquistar. Tens de entrar nisto de olhos abertos.

— Eu *tenho* os olhos abertos — disse Peter, com os olhos a brilhar. — Odeio o Richard Pincent. Odeio tudo o que ele representa. A Longevidade é responsável por tudo o que houve de mau na minha vida. E na da Anna também. Quero destruir a Longevidade tanto como tu.

— Eu sei que queres. — Pip tornou a sentar-se e os seus olhos recuperaram a brandura. — E a Anna, que tal vai ela? Como é que lida com as tuas atividades?

Ao ouvir o nome de Anna, Peter sentiu-se envolvido num clarão quente.

— Vai bem. E tem tanta vontade como eu de combater a Longevidade, bem sabes.

— Claro que sei. — Pip sorriu. — Assim sendo, segunda de manhã apresentas-te na Pincent Pharma como o teu avô pediu.

— Como Richard Pincent me disse — interrompeu Peter, baixando a voz.

— Como Richard Pincent te disse — corrigiu-se Pip.

— E depois o que faço? — perguntou Peter com entusiasmo. — Mando aquilo pelos ares? Dou cabo das máquinas?

Pip arqueou um sobrolho, pestanejando.

— Passas despercebido e ficas atento a tudo. E aprendes, Peter.

— Só isso? — O rosto de Peter traiu uma sombra de desânimo.

— E já é muito — disse Pip, e aproximou-se mais. — Temos gente em muitos sítios, Peter: em todos os ministérios, nas empresas de distribuição de Longevidade, nas prisões. Mas nunca tivemos ninguém no cerne da Pincent Pharma. Ninguém com acesso à informação de que precisamos. Os teus olhos e os teus ouvidos vão ser as nossas ferramentas, Peter. Através de ti, até podemos chegar a Deus.

— Deus não existe — disse Peter em voz baixa. — Toda a gente sabe.

— Pois não — concordou Pip. — Mas o teu avô está a fazer um grande esforço para se tornar a divindade mais temível que o mundo já conheceu. Uma divindade que apenas se alimenta de poder e ganância. Uma divindade que tem de ser travada, para bem de todos nós.

— Então vai ser só olhar e aprender — disse Peter. — Tudo bem. Mas há alguma coisa que deva procurar? Alguma coisa em concreto? Precisam da fórmula dos medicamentos?

— Para fazermos mais? — Pip sorriu e Peter sentiu-se corar. A cara de Pip tornou-se de novo mais séria. — Desculpa, Peter, não devia ter rido. A pergunta é boa. Não, não é a fórmula que queremos. Queremos é... — A sua voz sumiu-se, como se não quisesse terminar a frase.

— É o quê? — quis saber Peter.

— A origem de alguns dos novos medicamentos que saem da Pincent Pharma — disse Pip pensativo. — Não temos a certeza de qual seja. Temos as nossas suspeitas, mas...

— Mas o quê?

Pip suspirou.

— Peter, algo me diz que se passam coisas atrás dos muros da Pincet Pharma, coisas más por detrás da fachada limpa e profissional. Mas, seja o que for, está bem escondido.

— Que género de coisas más? — perguntou Peter.

— Isso — disse Pip, sorrindo outra vez — é o que terás de descobrir. — Levantou-se de repente, com os músculos a contraírem-se visivelmente ao andar. — Vou manter-me em contacto, Peter.

Peter assentiu, pôs-se de pé e encaminhou-se para a porta. Então deteve-se.

— Vamos mesmo, não vamos? — disse baixinho. — Vamos vencer, não é?

Pip pousou a mão no ombro de Peter.

— Acabaremos por vencer, Peter. Mas imagino que haverá umas quantas batalhas primeiro.

Peter olhou-o por instantes, depois inspirou fundo.

— Podes contar comigo, Pip. Vou descobrir o que se passa.

— Ótimo — disse Pip, agora numa voz casual. Pegou numa pasta e entregou-a a Peter. — Toma. Lê. Assimila. Depois destrói a pasta. E, mais uma coisa, Peter...

— Diz.

— Boa sorte. Tem cuidado. E toma conta da Anna e do Ben, sim?

— Claro.

Peter saiu da sala, atravessou de novo o corredor, passou pelo guarda mal-encarado, seguiu a vereda até à loja e desembocou na rua. Fez Old Compton Street em sentido inverso, desceu a Piccadilly, tomou um eléctrico para norte com destino a Tottenham Court Road e, em seguida, outro de volta para



sul. Chegou enfim a Waterloo Station para apanhar o comboio de regresso a casa. Dar-lhes que fazer, pensou. Se as Autoridades andassem a vigiá-lo, e tinha a certeza de que andavam, queria pelo menos dificultar-lhes a tarefa.

Desceu do comboio em Surbiton e olhou em volta desdenhosamente. Meses atrás, ele e Anna viviam em Bloomsbury, na casa onde os pais dela tinham vivido felizes durante anos. Era uma bela casa: grande e cheia de recantos, soalheira e quente, um lugar que não poderia ser mais diferente de Grange Hall. Contudo, pouco depois de ele e Anna se tornarem Legítimos, tinham começado a chegar as cartas, em seguida os inspetores, todos a dizerem o mesmo: que a casa era demasiado grande para eles, que ficariam mais bem instalados «num espaço mais eficaz». Ao princípio tinham resistido: afinal a casa era deles, herdada que fora dos pais de Anna. No entanto, pouco a pouco, as inspeções tinham-se tornado mais regulares, as cartas mais ameaçadoras, até que o próprio Pip encolhera os ombros com tristeza e lhes dissera que a mudança era provavelmente inevitável, a menos que quisessem entrar em colisão com as Autoridades, e que era uma guerra que provavelmente não valia a pena comprar. E assim tinham sido transferidos para uma caixa de fósforos nos subúrbios, onde dois centros comerciais tinham substituído a rua principal e onde os residentes os viam como intrusos.

As Autoridades, naturalmente, não tinham divulgado a sua fuga para a liberdade; não queriam que se soubesse que eles tinham despistado os Caçadores, que tinham saído com vida de um Centro de Excedentes. De igual modo, as Autoridades

também pouco tinham dito sobre a morte dos pais de Anna ou o assassinio do pai de Peter. Tinham feito os possíveis para varrer as notícias para debaixo do tapete, para que se perdessem num mar de burocracia. Porém, notícias daquelas não morriam facilmente. Houvera fugas de informação, os jornais tinham publicado fotografias de Peter e de Anna com parangonas a questionarem a eficiência dos Caçadores, a perguntarem se a política de «Vida por Vida» não deveria ser revista. Ninguém desejava fardos adicionais para os escassos recursos do mundo e, para a maioria das pessoas, ele e Anna não representavam mais do que isso mesmo. Por conseguinte, os vizinhos evitavam-nos, os empregados das lojas olhavam-nos com receio, e os transeuntes ou lhes deitavam olhares fixos de curiosidade ou faziam de conta que eles não existiam. Não que Peter se importasse. Sabia ter tanto direito a estar ali como qualquer outra pessoa. Ou mais.

Enfiando as mãos nos bolsos, atravessou Amenities Park, onde, a qualquer hora do dia, pareciam decorrer várias aulas de ginástica ao ar livre. Havia gente a correr, a caminhar, a tocar nos dedos dos pés, a alongar os músculos: uma fabulosa exibição de força, de energia, de vida. Ou antes, do medo da morte, pensou Peter cinicamente.

Também não era apenas a morte que as pessoas temiam; era o envelhecimento, a decadência. Pernas e braços eram substituíveis; os órgãos vitais regeneráveis. Mas aquelas rugas em torno da boca, aquele torpor matinal que começou a durar o dia inteiro, a sensação de já ter visto tudo — eram coisas que urgia combater. Peter lera tudo sobre o assunto no *New York Times* e no suplemento de conselhos para uma vida

melhor da *Staying Young*, quase sempre enquanto esperava pela entrevista com a orientadora de adaptação. Os cientistas tinham feito a sua parte, escreviam os jornalistas; cabia agora a cada indivíduo maximizar o potencial da Longevidade — viver a vida em pleno, manter a energia e o entusiasmo da juventude.

Ou retirar-se airoso e deixar a juventude para os jovens, pensava Peter. As pessoas podiam olhar-se ao espelho, a sério e sem pressas — olhar as suas vidas intermináveis e enfadonhas —, e pensar se a morte, no fim de contas, seria tão má ideia como isso. Julgavam por certo ter aprendido a adiar o inevitável, mas, sob o verniz da Longevidade, se quisessem ser honestas, veriam que a podridão, ainda assim, se instalara. Como uma maçã de aparência viçosa mas cheia de larvas por dentro, as pessoas não poderiam ignorar eternamente o facto de que todas elas tinham excedido havia muito o prazo de validade.

Peter entrou na sua rua, nessa enfiada, feia e monótona, de casas idênticas. E todavia, ao aproximar-se do número 16, reconheceu a sensação familiar de um peso que lhe saía de cima, como uma aberta nas nuvens que pareciam seguir cada movimento seu. Era a sua casa. Não o tijolo e a argamassa — a casa era, na sua opinião, uma monstruosidade, uma construção desumana com divisões acanhadas e opressivas e tetos baixos; mas o que lá dentro pulsava era tudo para ele. Ao aproximar-se, viu Anna pela janela, sentada a ler, no sofá, sobre os joelhos fletidos.

Antes de meter a chave na fechadura, ouviu-a levantar-se de um pulo e correr para a porta. Abriu-a e sorriu-lhe.

— Chegaste! — O sorriso foi de curta duração; de imediato deu lugar a uma careta. — E vens atrasado. Disseste que estarias em casa há uma hora.

— Pois foi, desculpa lá... — Peter tinha os olhos a brilhar, mas por hábito falava baixo; a Resistência passara a casa a pente fino à procura de microfones, mas Pip admitia que não podiam ter a certeza absoluta de que a casa fosse segura.

— O Ben já dorme?

Deu a Anna um beijo meigo no nariz, e ela franziu-o.

— Que nem um anjo — confirmou ela. — E então?

Peter foi até à sala de estar e deixou-se cair no sofá onde Anna estivera sentada pouco antes. Sentiu o calor dela nas almofadas. Antes de a conhecer julgara saber o que era o amor, julgara perceber de amizade, de namoros, disso tudo, mas não era verdade — nem por sombras. Até apertar Anna nos seus braços, até deixar que ela visse a sua alma, até a ouvir chorar docemente quando fizera amor com ela pela primeira vez, não sabia nada. E agora, por vezes, quando estavam só os dois, quando lhe cheirava os cabelos, quando os seus olhos se encontravam, era como se soubesse tudo o que havia para saber acerca de tudo, como se conhecessem o segredo da vida. Um segredo bem mais poderoso que a Longevidade, bem mais duradouro.

— Então o quê? — picou-a.

Anna fingiu esmurrá-lo.

— Como correu? — perguntou movendo os lábios em silêncio, pegando-lhe na mão, de olhos atentos.

— Correu bem — murmurou ele. Em seguida, piscando-lhe o olho, arrancou-se do sofá, dirigiu-se lentamente à cozinha e

ligou a chaleira. Logo uma voz eletrónica soou: «De quanta água quente precisa de facto? Lembre-se: quem poupa não desperdiça.»

— Bem? — murmurou Anna, seguindo-o. — O que quer isso dizer? Às vezes és mesmo irritante.

— Eu ou a chaleira?

— Venha o diabo e escolha — respondeu Anna em voz alta, levantando as sobrancelhas.

Peter agarrou-a, puxou-a para si e beijou-a.

— Correu bem — sussurrou-lhe ao ouvido. — Ela engoliu a história, anzol, chumbada e carroto. E depois fui ter com o Pip e ficou tudo decidido.

Anna sorriu, com o semblante ao mesmo tempo entusiasmado e apreensivo. Afastou-se então, pegou em duas canecas e pôs lá dentro saquetas de chá.

— Então deves estar ansioso por começar a trabalhar na Pincent Pharma na segunda-feira — disse em voz alta. Ainda sorria, mas Peter não deixou de lhe ver um laivo de tensão nos olhos, de inquietação.

— Estou mesmo — confirmou. Agarrou-a de novo, desta vez mais jovialmente. — E na terça já me despediram e vou ter de arranjar emprego como instrutor de aeróbica — murmurou.

— Lá isso é que não! Não podes. Tens de destruir aquilo, Peter, tem de ser — foi a vez de ela murmurar, soltando-se e fitando-o de olhos muito abertos, sem saber com toda a certeza, era evidente, se Peter estaria a brincar ou não. O que era perfeitamente compreensível: nem Peter sabia.